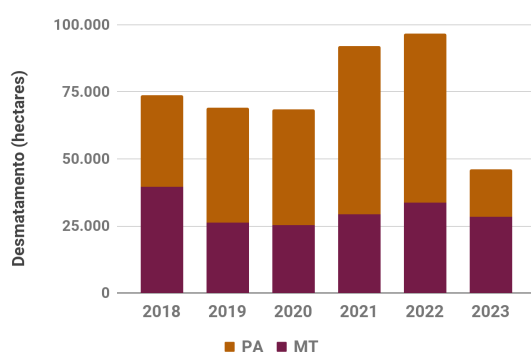


### Dados do sistema de monitoramento SIRAD X (janeiro a junho de 2023)

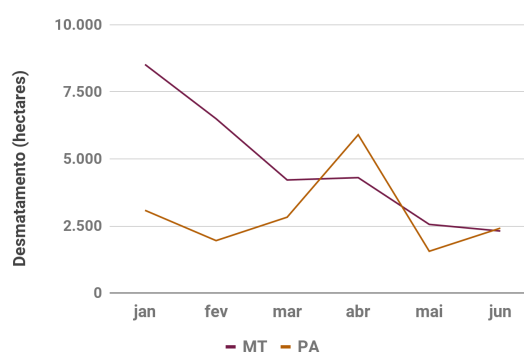
Os dados do SIRAD X, sistema de monitoramento da bacia do rio Xingu, mostram uma redução expressiva do desmatamento no primeiro semestre de 2023, em uma região crucial para a conservação da Amazônia e para a defesa dos direitos dos povos indígenas e ribeirinhos: a bacia do Xingu. Entre janeiro e junho de 2023, o desmatamento nessa região caiu pela metade em comparação ao ano anterior: uma queda de 52% que interrompe a tendência de alta dos últimos cinco anos, quando a bacia perdeu uma área de floresta o equivalente a sete cidades do Rio de Janeiro.

A bacia do Xingu está localizada entre o Pará e o Mato Grosso, [estados campeões do desmatamento](#) no Brasil. Isso torna mais notável a redução do desmatamento especialmente na porção paraense da bacia, onde o desmatamento diminuiu 72%, enquanto na região mato-grossense a redução foi de 16%. Os números de Mato Grosso se explicam pela ocorrência de uma alta no desmatamento nos meses de janeiro e fevereiro deste ano. Esse processo foi liderado por municípios que são grandes produtores de grãos como a soja e o milho: Feliz Natal e Peixoto de Azevedo, situados no lado oeste do Território Indígena do Xingu, e Querência, no lado leste. A alta do desmatamento no início do ano está sendo apontada como reflexo do [maior número de autorizações de desmatamento](#) concedidas pela Secretaria de Meio Ambiente do Mato Grosso (Sema/MT), o que tem aumentado o desmatamento legal e reduzido o ilegal. Em 2020, a derrubada ilegal de florestas já esteve [acima de 80%](#) nos municípios mato grossenses da bacia do Xingu, em 2023, essa taxa caiu para 36%.

Desmatamento entre 2019 e 2023 na bacia do Xingu nos meses de janeiro a junho



Desmatamento entre janeiro e junho de 2023 na bacia do Xingu

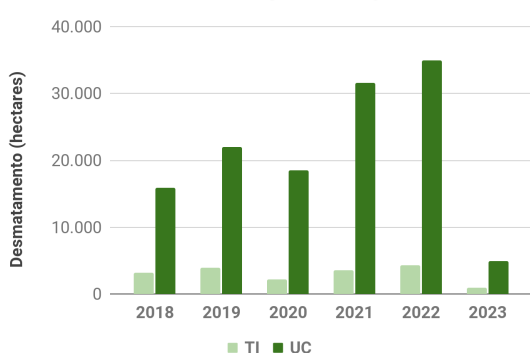


Gráficos 1 e 2: Desmatamento entre 2018 e 2023 compreendendo os meses de janeiro e junho e distribuição mensal do desmatamento em 2023, no mesmo período.

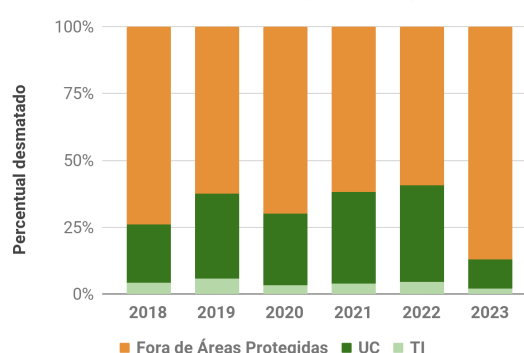
Ainda que autorizado, o avanço do desmatamento, sobretudo para a agropecuária, promove uma série de impactos que podem comprometer, inclusive, a produção agrícola no futuro. Perda de biodiversidade, aumento de emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), alterações no ciclo hidrológico, redução da evapotranspiração, diminuição das chuvas, aumento de queimadas e da temperatura, além de impactos sobre os cursos hídricos como assoreamento e contaminação por agrotóxicos, são algumas das consequências decorrentes da conversão da floresta em monoculturas agrícolas e pastagens. Em um momento em que se intensificam as discussões sobre emergências climáticas e o aquecimento global, o desmatamento precisa ser combatido ao passo que atividades que garantam a preservação da floresta precisam ganhar reconhecimento e investimentos.

A bacia do Xingu abriga o Corredor de Áreas Protegidas do Xingu, um dos maiores maciços florestais contínuos de Terras Indígenas e Unidades de Conservação no mundo. No corredor, a redução de supressão de vegetação foi de 87% nos primeiros seis meses de 2023, em comparação com o mesmo intervalo do ano anterior. Essa mudança na dinâmica do desmatamento representa também a diminuição das pressões que esses territórios e sua população enfrentavam. Por exemplo: a Apyterewa, terra indígena mais desmatada da bacia e também da Amazônia, teve queda de 94% no desmatamento no mesmo período. As TIs Cachoeira Seca, Trincheira Bacajá e Ituna Itatá também tiveram índices similares, com 91%, 71% e 99%, respectivamente, de contenção de derrubada.

**Desmatamento nas Áreas Protegidas da bacia do Xingu entre janeiro e junho**



**Distribuição percentual do desmatamento da bacia do Xingu entre janeiro e junho**



Gráficos 3 e 4: Desmatamento nas áreas protegidas da bacia do Xingu (Terras Indígenas e Unidades de Conservação) entre 2019 e 2023 compreendendo os meses de janeiro e junho e distribuição percentual do desmatamento no mesmo período.

Nas Unidades de Conservação, o desmatamento caiu sete vezes, passando de 34,9 mil hectares entre janeiro e junho de 2022, para 4,9 mil no mesmo período de 2023. As UCs Estação Ecológica da Terra do Meio, Floresta Estadual do Iriri e Floresta Nacional de Altamira

apresentaram redução no desmatamento de 95%, 99% e 99%, nessa ordem. A região compreendida por essas UCs constituiu uma das áreas mais críticas no último ano, com [abertura de uma estrada ilegal](#) que ameaça cortar o Corredor de Áreas Protegidas, como parte de uma rota que pretendia ligar São Félix do Xingu ao município de Novo Progresso. As operações de fiscalização no local conseguiram conter o avanço da estrada, que ameaçava romper com a integridade e conectividade do Corredor Xingu.

A [intensificação nas operações](#) e de outras estratégias de combate ao desmatamento, como cobranças de multas, destruição de maquinário, apreensão de gado e embargo remotos, resultaram na grande diminuição das taxas e mostram uma nova política ambiental em relação ao do último governo. Contudo, em algumas áreas os efeitos das ações de proteção territorial foram menores e ainda seguem com nível crítico de riscos e ameaças.

Na Kayapó, terra indígena assolada pelo garimpo ilegal, houve redução de 45% no desmatamento. No entanto, a atividade garimpeira na TI não cessou em nenhum mês do ano e ainda preocupa por seu avanço em áreas até então isoladas do território. No início de 2022, uma nova frente de atividade garimpeira foi identificada na região norte da TI, ao oeste do rio Riozinho. No início de 2023, novas áreas abertas de exploração garimpeira foram identificadas na mesma região, mostrando persistência dos garimpeiros que retornaram ao local mesmo após operações de fiscalização realizadas no ano anterior.

Novas áreas de garimpo também foram identificadas em 2023 na Rebio Nascentes da Serra do Cachimbo, além da reativação do “garimpo do jabuti” na Resex Riozinho do Anfrísio e a contínua expansão dos garimpos no noroeste e oeste da Flona de Altamira. A permanência da exploração garimpeira mesmo com a redução do desmatamento e o aumento da frequência das operações, mostra que a atividade representa ainda um grande perigo às áreas protegidas e suas comunidades. Por ser altamente poluidor, o garimpo de ouro também afeta o acesso à água potável, a segurança alimentar das comunidades tradicionais e coloca em risco a vida de indígenas e beradeiros que sofrem constantes ameaças, constituindo graves violações dos direitos fundamentais dos povos afetados.

Mesmo com a redução das taxas de derrubada de floresta, os esforços de combate ao desmatamento precisam ser intensificados, uma vez que é nos meses de verão amazônico que as atividades ilegais tomam maior força. A bacia hidrográfica do Xingu já teve [mais de 21% de sua área desmatada](#) e existe o risco iminente que o desmatamento na região supere os limiares em que a precipitação e a vazão do rios são reduzidas, gerando impactos significativos não só sociais e ecológicos mas também econômicos em todo o país.

## **Sobre o Sirad X**

O Sistema de Indicação por Radar de Desmatamento (Sirad) consiste em uma série de algoritmos que processam as informações do Satélite Sentinel-1. Ele opera em uma plataforma chamada Google Earth Engine (GEE), que processa rapidamente grandes quantidades de informação. Uma equipe de analistas examina cada local da bacia do Xingu procurando visualmente por anomalias nas imagens produzidas. Cada polígono de desmatamento é avaliado em função da sua proximidade com outros focos de degradação e com o histórico da região, e, caso necessário, são contatadas pessoas que conhecem o local para confirmar o desmatamento.